

# **INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO D LÍNGUA INGLESA**

**SANTOS, Shirley Moura.**

[Shibe@globo.com](mailto:Shibe@globo.com)

**DE PAULA, Noemi Rodrigues. (Orientadora)**

Graduada em Letras Português–Inglês, Prof.<sup>a</sup> e Coordenadora do Curso de Letras da  
Universidade Tiradentes – UNIT.

[letras@unit.br](mailto:letras@unit.br)

## **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo mostrar a interação entre professor e aluno no ensino de língua inglesa. Inserido neste trabalho está a teoria sócio-interacionista de Vygotsky, além dos princípios do filósofo grego Platão, que afirma dizendo que a essência do ser humano é imutável e está dentro de do homem. Mostra alguns métodos de ensino considerado por muitos, como mais apropriado, inovador e até ideal, onde os alunos aprendem de maneira divertida e dinâmica. A metodologia da abordagem comunicativa que trata a relação do português “sua origem” até chegar à influência do inglês e a necessidade de se aprender uma língua estrangeira, ou seja, o inglês, pois esta é considerada a segunda língua oficial do Brasil. Ainda na abordagem comunicativa vamos perceber a presença de Chomsky, Piaget e Vygostky. A interferência das novas tecnologias “computador” como fonte de ferramenta no ensino do inglês. Essas novas tecnologias de aprendizagem trazem novas metodologias de ensino e consigo um novo modo operante de trabalhar na sala de aula.

## **INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA**

O professor é apenas facilitador de aprendizagem: ele não é o centro de conhecimento e sim um direcionador.

Em primeiro lugar gostaria de expor minhas considerações a respeito dessa relação professor e aluno. A interação professor-aluno em uma sala de aula era denominada por uma relação autoritária de dominação. Essa relação era identificada pelas características pessoais do professor, que mantinha o comando pela busca do controle no ensino. O professor não levava em consideração os aspectos psicológicos dessa interação e, menos ainda, as aptidões ou inteligências presentes em sala de aula.

Com base na teoria sócio-interacionista de Vygotsky, procurou-se mostrar a interação professor-aluno, como espaço privilegiado para a construção conjunta do conhecimento, o que envolve um movimento dialético das dimensões cognitivas e afetivas.

“A aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia das posturas inatistas e dos processos de maturação do organismo e das posturas empíricas que enfatizam a supremacia do meio no desenvolvimento. Pela ênfase dada aos processos sócio-históricos, na teoria vigotskiana, a idéia de aprendizagem inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo.” (VYGOTSKY, 1994:46).

A maneira de ver o sujeito, na teoria de Vygotsky, e de ver o seu desenvolvimento confere à teoria uma postura “sócio-interacionista”, pela colocação

de que o conhecimento é construído na interação sujeito-objeto e de que essa ação do sujeito sobre o objeto é socialmente mediada.

Esta teoria sócio-interacionista de Vygostky mostra que: o desenvolvimento da fala e o desenvolvimento cognitivo do ser humano servem como base sólida em algumas das mais recentes tendências lingüística que são aplicadas em direção à metodologia de ensino de línguas estrangeiras menos planificadas e mais naturais e humanas baseadas na experiência prática em ambientes multiculturais de convívio.

O desenvolvimento cognitivo é processo interno, mas pode ser observado através das ações e verbalização da criança. Este processo de pensamento inclui as seguintes capacidades: compreensão de fatos que ocorrem a sua volta; percepção de si mesmo e do ambiente; percepção de semelhanças e diferenças; memória; execução de ordens; compreensão de conceitos de cor; compreensão de conceitos de forma; compreensão de tamanho; compreensão de espaço; aquisição de conceitos e o estabelecimento de relações entre fatos e conceitos; compreensão de tempo e a relação dos conceitos entre si.

Vygostky define dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial. O nível de desenvolvimento real é a capacidade de as pessoas solucionarem seus problemas sozinhos, sendo “... O nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certo ciclo de desenvolvimento já completado” (Vygostky, 1998:111). Dito de outra forma, o nível de desenvolvimento real define as funções que já amadureceram e o nível de desenvolvimento potencial define as funções que possuem as bases necessárias para serem desenvolvidas.

O professor é o transmissor e o aluno um receptor passivo de informações. Esse pensamento está ligado ao “mundo das idéias”, um dos princípios do filósofo grego Platão: a essência do ser humano é imutável e está dentro do homem. O professor, baseado nisso, ensina o aluno a aprender o conhecimento pela razão sem levar em consideração sua interação social.

“O ensino escolar foi criado como uma prática social que tem como objetivos contribuir para o desenvolvimento das pessoas durante todo o seu ensino, contribuindo ainda para a socialização e a individualização. Socialização porque o ensino escolar coloca várias atividades e práticas sociais para que os membros de cada grupo social assimilem e apropriem-se das idéias, dos conceitos, das habilidades, das destrezas e etc., que se torna relevante para a participação adulta, ativa e crítica nesse grupo. Individualização porque a assimilação desses conhecimentos culturais permite crianças e jovens interagir como membros adultos de outros grupos”. (COLL e EDWARDS, 1998:67).

Visto estas duas caracterizações de ensino escolar podemos perceber tanto o caráter construtivo quanto o caráter ativo na aprendizagem realizada pelo professor e também pelo aluno.

A relação entre discurso e atividade está estreitamente relacionada com a abordagem da análise do discurso. Com isso estamos nos referindo a uma identificação dos dispositivos e mecanismos através dos quais professor e aluno possam usar da fala para apresentar e representar uns aos outros os conteúdos que são objetos de ensino e da aprendizagem em sala de aula interagindo entre si.

A apresentação de alguns resultados relativos ao dispositivo e recurso de controle e acompanhamento mútuo entre professor e aluno em duas seqüências didáticas concretas de ensino e aprendizagem servirá para ilustrar e concretizar o discurso no processo de construção de significados em sala de aula.

O desenvolvimento intelectual e social do aluno são os objetivos primordiais do estabelecimento, que busca aprimorar os conhecimentos de seus alunos a partir da vivência na sala de aula respeitando a identidade de cada um deles.

O projeto social do educador é procurar diversificar as formas de interpretação da realidade, facilitando a integração do aluno consigo, pretendendo assim estabelecer uma relação que ajude o aluno a compartilhar seus conhecimentos com professores e colegas, adquirindo assim seu desenvolvimento social e intelectual.

O professor atua como modelo e a aula é estruturada em torno dele, que comanda as atividades das mais controladas para alguns e um pouco mais livres para outros. Apesar dessa maneira de ministrar não ser mais valorizada como era antigamente, hoje em dia ela ainda é utilizada em cursinhos de línguas e em matérias didáticos. Por esses motivos e muitos outros os cursinhos de línguas conseguem resultados melhores com o aprendizado do inglês.

Existiram vários métodos de se ensinar inglês destacando entre eles o que é considerado mais apropriado e por muitos como ideal e inovador, onde o aluno aprende uma língua que não é a sua, de maneira divertida e dinâmica, interagindo com seus colegas e professor. Esta metodologia de ensino consistiu em: ensinar alguns vocabulários, frases do dia a dia, pedir para que alguns alunos leiam em voz alta, pois é ouvindo que se aprende, praticando um jogo de pergunta e respostas que pode ser feito em dupla, exercício de completar espaços para avaliar a intuição de regras ou vocabulários, prática de conversação sobre situações reais, mostrar figuras e observar as atividades presentes nestas além das figuras de alguns objetos que assim seria mais fácil de lembrar depois “para crianças”. Tal metodologia só é

possível em turmas pequenas, onde o professor pudesse ter o total controle da sala para poder analisar se as práticas realmente estavam acontecendo.

No ensino médio em especial nas aulas de inglês, os alunos em geral devem deter entre outras, quatro habilidades: ouvir, falar, ler, escrever e praticá-las em sala de aula. A leitura e a escrita podem ser aplicadas fora da sala de aula bem como o “listening” que pode ser gravado. Assim a interação pode ser feita tanto entre professor-aluno e fora da sala de aula entre aluno-aluno.

É importante frisar que a ordem mais adequada para as tais habilidades é: ouvir, falar, ler e por fim escrever. Ouvindo é que se fala e assim como lendo, começamos a escrever, através da fala e da escrita que se expressa as vontades, opiniões e necessidades de cada pessoa assim como ao ouvir e ler entende-se o que os outros têm a dizer, acontecendo assim a comunicação em todas as formas.

A metodologia da abordagem comunicativa tem como alvo principal, fazer com que o aluno de língua inglesa a utilize maneira funcional, visando assim à comunicação. Já que as aulas são de língua inglesa automaticamente estas deveriam ser ministradas em língua inglesa, onde a língua materna será utilizada nas situações extremas. Essa língua materna que para nós é a língua portuguesa surgiu no início da colonização portuguesa no Brasil (a partir da descoberta em 1500), o tupi (mais precisamente, o tupinambá, uma língua do litoral brasileiro da família tupi-guarani) foi usado como língua geral na colônia, ao lado do português, principalmente graças aos padres jesuítas que haviam estudado e difundido a língua. Em 1757, a utilização do tupi foi proibida por uma Provisão Real, mas a essa altura, já estava sendo suplantado o português em virtude da chegada de muitos imigrantes da metrópole. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, o português fixou-se definitivamente como o

idioma do Brasil. Da língua indígena o português herdou palavras ligadas à flora e à fauna (abacaxi, mandioca, caju, tatu, piranha), bem como nomes próprios e geográficos. Da mesma forma que os índios e os brancos precisavam comunicar-se de forma funcional, o mesmo ocorre entre os brasileiros e os estrangeiros, falantes da língua inglesa nas mais diversas situações.

O communicative language teaching, também conhecido como communicative approach ou functional approach e até mesmo como abordagem comunicativa é uma versão Britânica do movimento iniciado em reação ao estruturalismo e ao behaviorismo. A teoria Behaviorista fornece alicerce para o entendimento do comportamento humano, relacionando-se com o meio social. Ou seja, ela conclui que o comportamento humano resulta de suas interações com o meio social, por meio de uma reação ao destaque dado à subjetividade do indivíduo – o homem é repositório de estímulos e respostas. Enquanto a teoria estruturalista pregava que os erros eram resultantes da interferência da língua materna e que as dificuldades de aprendizagem estavam relacionadas às dificuldades entre a língua materna e a língua alvo que nesse caso será a inglesa. Muitos casos abordados nas escolas públicas são que muitos alunos mal sabem o português, ou seja, não falam corretamente sua língua materna, como eles poderiam saber falar o inglês? Essa abordagem comunicativa foi então inspirada pela nova teoria lingüística do norte-americano Chomsky e pelas novas teorias de psicologia de Piaget e Vygostky.

Piaget e Vygostky, pais da psicologia cognitiva contemporânea, já haviam proposto que o conhecimento é construído em ambientes naturais de interação social e estruturado culturalmente. Cada aprendiz constrói seu próprio aprendizado baseado

em experiências de fundo psicológico resultantes de sua participação ativa no ambiente.

Chomsky foi de encontro às teorias behaviorista e estruturalista de aquisição da linguagem ao mostrar-se descrente quanto as possíveis aplicações das descobertas da psicologia e da lingüística ao ensino de línguas. Ele afirmou que a aquisição da linguagem não era uma questão de formação de hábitos, mas um processo criativo, uma atividade cognitiva e não uma resposta a estímulos externos como vistos em outros métodos, nos quais o estímulo psicológico levava à motivação e conseqüentemente ao aprendizado.

A abordagem comunicativa de Chomsky revoluciona a lingüística nos anos 60 quando afirma que a língua é uma habilidade criativa e não memorizada e que não são as regras da gramática que determinam o que é certo ou errado, mas sim o desempenho nativo da língua e da cultura que determina o que é aceitável ou inaceitável.

As mais recentes idéias de Chomsky passaram a inspirar a metodologia de ensino de línguas na direção de uma abordagem humanista baseada em comunicação e intermediação de um facilitador carismático “o professor” e com participação ativa do aprendiz “o aluno”. Para Chomsky, as propriedades fundamentais da linguagem derivam de aspectos inatos da mente e de como o ser humano processa a experiência através da linguagem, o foco é no processo mental.

O objetivo da abordagem comunicativa era desenvolver a competência comunicativa, diferente da noção de competência de Chomsky, que fala de um falante ideal de uma comunidade de fala homogênea e que não é afetado por



condições momentâneas como distração, falta de interesse e problemas de memória. Para Chomsky interessa esta competência ideal e não o desempenho que seria o uso real da língua.

É papel do professor adaptar o método pedagógico às necessidades dos alunos, saber solucionar e organizar os conteúdos que serão desenvolvidos em sala de aula e assim permitir que os alunos façam pesquisas e desenvolvam seu lado criativo. Essas atividades poderão ser realizadas em outros ambientes, de maneira mais simples e natural: como na biblioteca, em uma área livre ou na sala de leitura, tentando assim despertar no aluno o interesse por novas informações.

Além das metodologias citadas acima existe também o apoio das novas tecnologias, como os computadores que em muitas escolas e cursinhos são utilizados como ferramentas importantes no ensino do inglês sem influenciar na interação entre o professor e o aluno, pois este faz parte do objeto de estudo tanto dos alunos quanto dos professores. Essa nova maneira de estudar e praticar o inglês ou qualquer outra disciplina está ligada ao mundo da internet onde com a ajuda de seus professores podem ser melhor aproveitadas as oportunidades de pesquisa.

“Desde a década de 60, o ensino de línguas estrangeiras ou segundas línguas vem sofrendo modificações substanciais devido ao avanço de pesquisas em lingüística aplicada e psicologia da aprendizagem. Novas tecnologias de aprendizagem trazem novas metodologias de ensino, alterando significativamente o *modus operandi* das salas de aula. A importância da tecnologia dentro deste contexto aparece de modo crescente, trazendo consigo o desafio para as escolas de desenvolver e equipar seus laboratórios, e, principalmente, de melhor qualificar os professores para que possam lidar de maneira pedagogicamente eficaz com os alunos e tecnologia, rompendo assim a velha barreira da tecnofobia e o mito de que a tecnologia pode provocar a “desumanização” do processo ensino-aprendizagem e da educação como um todo.” (SIQUEIRA E CAMARGO, 2004:267)

Essa idéia de que a máquina, ou melhor, o computador irá ocupar o lugar do homem, neste caso do professor pode ser considerada inválida, pois somos nós professores que arrumamos os programas, projetos, exercícios, e passamos para os

alunos por meio da internet, o computador serve como uma ferramenta de trabalho para ambos. É através dele que percebemos hoje em dia as disciplinas on-line e até a educação a distância, onde muitas pessoas que nunca estudaram conseguem concluir seus estudos a milhares de quilômetros de distância. Mas para tudo isso acontecer temos também que reciclar nossos professores, pois estes não estão acostumados com tanta mudança e precisamos colocá-los dentro desta nova era tecnológica.

E é através desta nova era tecnológica que surgem as novas metodologias de ensino, onde altera o modo de operar em sala de aula. Existem muitos sites educativos que ensinam “brincando” aos alunos novos vocabulários e até regras gramaticais. Aqui estão alguns: <http://www.nationalgeographic.com/education> e <http://www.englishtown.com> . Além de que através da internet você pode acessar portais interativos de conteúdos gerais como o CNN, BBC, jornais, revistas, páginas oficiais de conteúdo turístico e cultural de quase todos os países do mundo, páginas virtuais dos próprios livros, listas de discursões e fóruns, além de curso de inglês on-line.

Foi graças a essa tecnologia chamada “computer” ou computador como queira que começamos a aprender simples palavras em inglês e que nos levou a aprender diversas outras. Observe que em um computador existe o Mouse, no teclado existe Enter, Delete, Page up, Page down, Backspace, Shift, Capslock,... na CPU existe CD ROM, Microsoft Word, E-mail, Drive, Power Point..., foi graças a essas outras simples palavras que demos o ponta pé inicial para o ensino de língua inglesa.

A língua inglesa começou a ser vista com bons olhos, com o surgimento da internet, onde mais de 80% de seus conteúdos eram em inglês, foi aí que seus

usuários sentiram a necessidade de aprender a língua e hoje conta com mais de 600 milhões de usuários no mundo inteiro.

Há uma estimativa de que existem 300 milhões de falantes nativos e que 300 milhões de pessoas usam o inglês como segunda língua e ainda 100 milhões a usam como língua estrangeira. É a língua da ciência, da aviação, da computação, da diplomacia e do turismo. Está listada como oficial ou língua co-oficial em mais de 45 países e é falada extensivamente em outros países onde não tem status oficial. Dois terços de toda produção científica é escrita em inglês, assim como mais de 70% de toda a correspondência mundial; a maioria do turismo e da aviação é conduzida em inglês.

A maior parte dos professores de língua inglesa sente profunda dificuldade ao proporcionar prática suficiente na língua quando se dispõe apenas de 70/90 horas-aula no ano letivo, muitas das turmas são extremamente grandes, não há ajuda dos materiais didáticos, nem que equipamentos tecnológicos, além de não ter o apoio dos próprios alunos que não sentem a necessidade de aprender. Desempenhando o papel de um estrangeiro, o aluno pode vir a compreender, a perceber que nem todos os homens pensam da mesma forma, e que diferença não significa necessariamente inferioridade ou ausência de princípios morais e sim uma questão de possibilidades.

Existe uma grande diferença entre uma pessoa que estuda inglês em um curso e uma pessoa que vai morar num país onde só se fala inglês. Pois bem, uma pessoa que estuda inglês em um cursinho durante um determinado tempo aprende todas as regras, alguns vocabulários e fala com fluência, consegue falar inglês, mas quando tem a necessidade de falar com um nativo se senti trancado e se limita a responder perguntas, não tem coragem de puxar assunto e até mesmo de entrar numa discussão.

Enquanto que a pessoa que foi para os Estados Unidos, por exemplo, e passa lá o mesmo intervalo de tempo que o aluno do cursinho, volta falando tudo parece até um nativo, se senti super à vontade com a língua, entra em qualquer discussão e debate, mas se pedirmos para ele explicar o uso de past contínuos ou dos verbos modais, ele não saberá responder por que ele conviveu ouvindo o inglês e então começou a comunicar-se por sentir necessidade de sobreviver, logo não sabe nenhuma regra básica do inglês.

A diferença básica é que a primeira pessoa aprendeu a falar inglês, através de uma abordagem tradicional ao ensino de línguas enquanto a segunda adquiriu o inglês através da assimilação natural, do subconsciente, do intuitivo, fruto da interação humana, ou seja, da necessidade de sobreviver.

“O conhecimento de uma língua propicia um acesso imediato a sua herança literária e de pensamento; introduz o aluno numa atividade que pode vir a ser agradável e proveitosa em suas horas de lazer. Esse conhecimento aumenta seu interesse por viagens e o prazer que pode desfrutar; permite-lhes corresponder-se facilmente com pessoas de outros países, seja tratando de assuntos pessoais; fornece-lhe fonte de informação para seus assuntos profissionais, para suas atividades normais, ou de horas de lazer, se bem apresentado, proporciona-lhe tal experiência no aprendizado de línguas que lhe permitirá aprender com maior aproveitamento, caso haja necessidade em sua vida futura” (RIVERS, 1975:34).

A experiência de aprender uma língua através de um processo consciente e o esforço para se comunicar nessa língua, dá aos alunos uma compreensão mais profunda da natureza e do papel da linguagem, das formas de sua própria língua e dos problemas de comunicação.

A crescente internacionalização dos mercados levou as nações a adotarem o inglês como o idioma oficial do mundo dos negócios e considerando a importância econômica do Brasil como país em desenvolvimento, dominar o inglês se tornou sinônimo de sobrevivência e integração global. O aprendizado do inglês abre as portas para o desenvolvimento pessoal, profissional e cultural. O mercado atualmente

considera um requisito básico no momento da contratação que o candidato domine o inglês. Muitas vezes o conhecimento desta língua significa um salário até 70% maior.

Por essa razão, não só o profissional que já atua no mercado precisa ter conhecimento da língua como também o jovem que deseja ingressar em um curso de graduação. O inglês deixou de ser luxo para integrar o perfil do profissional ou futuro profissional por mais jovem que ele seja. A realidade é uma só; ou você domina um ou mais idiomas \_ e o inglês é primordial \_ ou suas chances serão menores.

Quando o inglês é apresentado como diversão, as crianças passam a ser estimuladas e desenvolvem uma ótima capacidade de concentração. Através de trabalhos lúdicos, a criança passa a ter uma finalidade em seu aprendizado. “Conseqüentemente, caberá ao professor dar uma melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, cabendo a ele desenvolver novas práticas didáticas que permitam aos discentes um maior aprendizado.” (NUNES, 2004, ON-LINE).

Muitos acreditam que, aprender inglês ou qualquer outra língua estrangeira enquanto criança fica mais fácil, pois a língua começa a fazer parte do cotidiano vivido por muitas crianças e jovens sejam nas músicas, nos computadores ou onde quer que seja elas procuram modificar seu estilo e até, seu modo de falar por conta do estrangeirismo e das gírias. Podemos percebê-los em todos os lugares como: Brother, E-mail, Mcdonalds, Hamburgers, Chip, Mouse, Power Point, etc.

“Muitos adolescentes normalmente têm maior dificuldade de se comunicar com adultos do que os alunos mais jovens; porque eles têm sua própria cultura, seu estilo de vida, sua linguagem e interesse, enquanto que o professor pertence ao mundo dos adultos, existindo aí um choque de gerações”. (HOLDEN e ROGERS, 2001:57).

Logo, para solucionar alguns casos, seria possível utilizarmos músicas em sala de aula, visto que muitas músicas pop são em inglês isso poderia ajudar no desenvolvimento auditivo e conseqüentemente oral de muitos alunos, possibilitando com que eles falem e se expressem, descobrindo aí o interesse por algumas palavras

até então desconhecidas, além de soltar e deixar o aluno mais a vontade em sala de aula.

O atual ensino de língua inglesa no Brasil necessita de um olhar mais cuidadoso e crítico, o qual possa delimitar quais os pontos que precisam ser modificados, propiciando a plena satisfação dos educandos. O sistema educacional brasileiro é dividido em duas classes: estabelecimentos particulares que visa um objetivo (ingressar o aluno nas universidades) e os estabelecimentos públicos ou estaduais como queiram (diz ter o mesmo objetivo, mas não oferece subsídios necessários para estes alcançarem seus êxitos) e passam quase a maior parte do ano em greve, seja por melhores salários ou por não terem a menor condição de ministrarem suas aulas.

A abordagem comunicativa (Communicative Approach) tem como objetivo principal, interação ativa entre língua e aluno, e para tal se faz necessário à utilização dos professores com essa abordagem de ensino. O professor precisa saber o que tem em mãos para trabalhar, não somente utilizar pedaços de várias metodologias e abordar em sala de aula, o que não é errado, porém ele precisa fazer mescla com sabedoria conhecendo os pontos cruciais para um bom andamento do aprendizado.

O sucesso do método comunicativo é a participação dos estudantes, que devem estar incentivados para aprender. Esse é o ápice desta abordagem, as aulas são um verdadeiro laboratório de línguas onde a comunicação flui e o cotidiano é vivido na língua alvo, além de sempre existir a preocupação de o professor colocar-se como orientador do ensino, um amigo que guia as atividades e os conteúdos programáticos.

O aprendizado da língua inglesa não é difícil, não o bastante para aqueles que gostam e tem vontade de aprender a língua. Em escolas da rede pública, torna-se mais difícil, pois estas não possuem subsídio para apresentação das aulas, tornando difícil a aproximação do aluno com a língua. Para a aquisição de uma segunda língua é preciso apoio dentro e fora da sala de aula, por isso o professor precisa ser além de amigos, mediadores do conhecimento e tentar entender individualizadamente cada aluno, ajudando-o da melhor maneira possível.

Assim pode-se perceber que, mais do que dominar os princípios de um método e saber a maneira correta de aplicá-lo, o professor de língua estrangeira precisa estar preparado para lidar com diversas realidades de ensino-aprendizagem, saber analisar e conduzir sua prática.

É com o objetivo de verificar as reais possibilidades de uma mudança que favoreça acima de tudo a aquisição satisfatória e real da língua inglesa, este trabalho focaliza a Abordagem Comunicativa, a qual assume o papel inovador nessa luta entre aprendiz ideal e sistema educacional defasado. Não esquecendo que o professor tem que inovar e fazer seu papel, procurar mudar, diversificar suas aulas e assim prender, impressionar seus alunos mostrando-lhes a importância da língua inglesa.

## REFERÊNCIAS

COLL, César e EDWARDS, Derek. Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula: aproximação ao estudo do discurso educacional. 3ª edição. Porto Alegre: ARTMED, 1998. 250p.

HOLDEN, Susan e ROGERS, Mickey. O ensino de língua inglesa. 1ª edição. São Paulo: SBS, 2001. 210p.

PATTO, Maria Helena Souza. Introdução à psicologia escolar. 4ª edição. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981. 150p.

RIVERS, Wilga. Psicologia e ensino de línguas. 6ª edição. São Paulo: Pioneira Editora, 1975. 270p.

RIVERS, Wilga. A metodologia do ensino de língua estrangeira. 5ª edição. São Paulo: Pioneira Editora, 1975. 397p.

SIQUEIRA, Sávio e CAMARGO Anamaria. Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras. 1ª edição. Salvador: EDUFBA, 2004. 337p.

<http://www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html>

<http://www.sk.com.br/sk-apre3.html>

<http://www.geocities.com/Athens/Delphi/2361/profal.html?200515>

<http://www.serradigital.com.br/lucia/metodos.htm>

<http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/9p2c.html>

<http://www.sk.com.br/sk-apre2.html>